

**MEIOS DE
COMUNICAÇÃO:
Extensão e Alienação**

**MEDIA:
Extension and Alienation**

**MEDIOS DE COMUNICACIÓN:
Extensión y Enajenación**

Patricio Dugnani^{1, 2}

RESUMO

Nesse artigo pretende-se analisar o uso das redes sociais, em foco, como ambiente de debates, que acaba por apresentar, não um discurso crítico, mas simplesmente o senso comum, denominado por Roland Barthes como doxa. Procura-se entender o uso paradoxal da comunicação, que, se por um lado, tem a função de estender a percepção humana, ampliando, assim, a consciência de mundo, por outro, parece levar esse mesmo humano a um ambiente de incompreensão e de intolerância. O crescimento do senso comum nas redes sociais, através de discursos superficiais, sem base científica, ou mesmo crítica, estão fortalecendo uma visão de mundo alienada, por isso nesse artigo procura-se analisar a relação contraditória entre alienação e comunicação.

PALAVRAS CHAVE: Meios de Comunicação, Doxa, Extensão, Alienação, Redes Sociais.

¹ Doutor em Comunicação e Semiótica PUC/SP, Mestre em Comunicação e Semiótica PUC/SP e Bacharel em Artes Plásticas pela Unesp. Professor nas áreas de Comunicação e Artes da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Professor de Artes do Colégio Giordano Bruno. E-mail: 1132355@macenzie.br.

² Endereço de contato do autor (por correspondência): Universidade Presbiteriana Mackenzie. Rua da Consolação, 930, Consolação, CEP: 01302-907 - São Paulo, SP – Brasil.

ABSTRACT

In this article we intend to analyze the use of social networks, in focus, as an environment of debates, which ends up presenting not a critical discourse, but simply common sense, called by Roland Barthes as doxa. It seeks to understand the paradoxical use of communication, which, if on the one hand, has the function of extending human perception, thus broadening the consciousness of the world, on the other, seems to lead this same human to an environment of incomprehension and intolerance. The growth of common sense in social networks, through surface discourses, without scientific basis, or even criticism, is strengthening a worldview and alienated, so in this article we try to analyze the contradictory relationship between alienation and communication.

KEYWORDS: Media, Doxa, Extension, Alienation, Social Networks

RESUMEN

En este artículo se pretende analizar el uso de las redes sociales, en foco, como ambiente de debates, que acaba por presentar, no un discurso crítico, sino simplemente el sentido común, denominado por Roland Barthes como doxa. Se busca entender el uso paradójico de la comunicación, que, si por un lado, tiene la función de extender la percepción humana, ampliando, así, la conciencia de mundo, por otro, parece llevar a ese mismo humano a un ambiente de incompreensión y de intolerancia. El crecimiento del sentido común en las redes sociales, a través de discursos superficiales, sin base científica, o incluso crítica, están fortaleciendo una visión de mundo alienada, por lo que en ese artículo se busca analizar la relación contradictoria entre alienación y comunicación.

PALABRAS CLAVE: Medios de Comunicación, Doxa, Extensión, Enajenación, Redes Sociales.

Recebido em: 19.03.2019. Aceito em: 26.05.2019. Publicado em: 01.07.2019.

Introdução

*Estou ficando cego de tanto enxergar
Estou ficando surdo de tanto escutar”*
Marcelo Fromer, Sérgio Brito

Plutão finalmente foi fotografado mais de perto, e descobriu-se que era maior do que se pensava. Depois de quase uma década, a sonda *New Horizon* chega ao antigo planeta, agora planeta anão, Plutão. Parabéns à NAZA.

Enquanto observava essa notícia, anunciada pelas redes sociais a questão astronômica se Plutão era, ou não, um planeta, não me perturbava, mas os comentários realizados na rede social, esses sim, pareceram-me estranhos. Ao invés de compreender esse fato, como uma possibilidade da ciência nos trazer mais informações sobre o universo, formou-se abaixo da notícia, uma área de confrontos, onde o debate profundo sobre o tema foi substituído, por discussões superficiais, e opiniões que apenas circulavam em torno de ofensas, e senso comum.

Parece que as redes sociais, acabam por apresentar em seus debates visões rasas sobre os assuntos, que, invariavelmente, apenas se transformam em polêmicas e ofensas. Infelizmente as redes sociais parecem tenderem para esse tipo de diálogo. O potencial que os meios digitais tem em ampliar a capacidade do ser humano, democratizando a fala de uma quantidade imensa de pessoas, com um baixo investimento, também possibilita que utilizemos esses meios de maneira superficial, e sem a necessidade de um debate mais pautado em dados e reflexões.

Ao que parece, o crescimento do senso comum e dos discursos superficiais sem nenhuma base científica, ou crítica, estão criando uma visão de mundo fundamentalista e alienado. Entendendo alienação como a incapacidade

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v5n4p481>

de perceber que os fenômenos não são absolutos, nem, as verdades. A verdade é relativa, e se constitui socialmente, historicamente.

Nascemos biologicamente, geneticamente humanos, porém para nos tornarmos socialmente humanos, precisamos conviver em sociedade. Logo, o comportamento dos gêneros, os hábitos, os discursos que nos fazem humanos, não estão pré definidos, mas se constituem historicamente. Por isso, esse artigo pretende refletir sobre o uso dos meios digitais, principalmente as redes sociais, para a difusão de debates que refletem apenas o senso comum, como Roland Barthes denominava como doxa (2003, p.85).

Nesse sentido discordo de Robert Anton Wilson (2004) a ciência não será a nova inquisição, poderá ser apenas uma ferramenta da verdadeira nova inquisição, que só é nova por causa do uso dos meios de comunicação, porque de resto, é a mesma que sempre volta, de maneira sincrônica e disfarçada. Digo isso, pois é através da tecnologia que a nova inquisição parece se difundir.

Refletindo sobre essa ideia, parece que Theodor Adorno e Max Horkheimer, em seu artigo - Indústria Cultural: O Iluminismo como Mistificação das Massas (ADORNO e HORKHEIMER, 2000) - já observavam que a promessa iluminista de liberdade humana pela ciência, e pela tecnologia, já caía por terra, pois ao invés de esclarecer, de iluminar, a razão da técnica acabou por acorrentar o humano, em uma nova mistificação, a mistificação técnica, a mistificação industrial da produção.

As redes sociais estão se tornando um palco de conflitos, quiçá um novo coliseu, onde observamos, ávidos pelo espetáculo, seres humanos a se degladiar apenas para demonstrarem sua superficialidade nos debates, dessa forma é preciso refletir sobre os vícios e virtudes desse novo meio, para que possamos utilizar de maneira mais eficiente e, realmente, sermos capazes de ampliar nossa consciência, através da extensão de nossos sentidos.

Da extensão

Quando penso nas teorias de Marshall McLuhan, me vem a mente três ideias principais. As duas primeiras compreendem os meios de comunicação, mais do que apenas meros canais de transmissão de informações, mas como extensões do humano. O que isso quer dizer? Quer dizer que os meios de comunicação ampliam a percepção humana, pois além de estender os sentidos do ser, acabam por ampliar a sua compreensão de mundo, por isso seu livro principal ganha o título: Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem (1996).

Com essa ampliação dos sentidos, conseqüentemente, ocorre uma ampliação da percepção humana do mundo, uma ampliação da consciência do humano em relação à sociedade, às diferentes culturas, enfim, uma compreensão maior do mundo. Com essa extensão da percepção, pode-se pensar nos meios de comunicação como, mais do que transmissores de mensagens, mas sim difusores de informação, por isso amplificadores da percepção humana.

Mas por que ocorre esse processo de extensão? O processo de extensão ocorre pois cada indivíduo que utiliza um meio de comunicação acaba por estender seus sentidos. Ou seja, o ato de olhar, por exemplo, tem um limite de alcance que se dá biologicamente e geograficamente. Biologicamente, pois o olho humano tem um alcance, que, inclusive pode ser diminuído conforme o envelhecimento, ou problemas de saúde, por isso utilizamos as lentes, para ver mais longe, ou, no mínimo, restituirmos o alcance natural. Geograficamente, ou fisicamente, pois acidentes geográficos, ou qualquer fenômeno físico, que pode ir de uma montanha a um muro, pode atrapalhar o alcance da visão. Qualquer tipo de fenômeno que atrapalha a comunicação é conhecido como ruído, dessa

forma, qualquer fenômeno físico que dificulta ou impede um processo de comunicação é conhecido por ruído físico (MATTELART e MATTELART, 1999).

Como observado anteriormente, em ambos os casos, seja por motivos biológicos, ou físicos, os meios, e, principalmente, os meios de comunicação podem ampliar o alcance da visão, ou seja, podem produzir uma extensão dos sentidos, uma extensão da percepção humana. No primeiro caso, uma lente, um óculos, podem servir para estender a percepção da visão, no segundo caso, uma filmagem transmitida por alguém, por um smartphone pode servir para ampliar os sentidos do ser humano. Por isso, para McLuhan (1996), os meios de comunicação são uma extensão da percepção humana.

Desse modo, os meios de comunicação ao ampliarem a percepção humana, aumentam a quantidade de informações que recebemos. Entendendo-se informação, não somente como um conteúdo transmitido, mas como um conteúdo que modifica comportamentos e consciência, de acordo com José Teixeira Coelho Netto (2003).

Entendendo esse processo, com o aumento de informações recebidas, que são cada vez em maior quantidade, através da extensão produzida pelos meios, amplia-se, também, a nossa consciência de mundo, produzindo cada vez mais mudanças em nossos comportamentos, promovendo, conseqüentemente, mudanças em nossa sociedade. Esse é o fenômeno que explica o motivo para o sujeito pós-moderno, como denomina Stuart Hall (2004) o humano contemporâneo, a se caracterizar por sua forte habilidade de adaptação, e sua instabilidade, além de uma fragmentação na constituição de sua identidade cultural. Esse processo é tão constante, que o autor chega denominar o sujeito pós-moderno como "celebração móvel" (HALL, 2004, p. 13).

A partir dessas reflexões, os meios de comunicação, além da mensagem codificada, simbólica que transportam, ou melhor, transmitem, são uma

extensão humana, ou seja, a existência e o uso dos meios produzem mudanças em nossos comportamentos, em nossa consciência de mundo. Então a mensagem dos meios, são mais do que conteúdos formulados pelo ser humano, são informações que modificam comportamentos. Portanto, a mensagem dos meios, são as mudanças de comportamento que eles produzem no social. Logo, a simples existência do meio de comunicação, ao produzir a extensão da percepção humana, é uma mensagem, trata-se de uma informação, produz uma mudança no comportamento. Por isso, Mcluhan cunhou sua tão polêmica frase: “o meio é a mensagem” (1996). A mensagem do meio, não é um conteúdo formulado por linguagem, mas sim, como afirma Mcluhan, “informação pura” (1996), pura pois a mensagem do meio, é a própria mudança de comportamento que, com seu uso, ele promove. A informação do meio é a própria mudança de comportamento promovido pela sua utilização, por isso o meio é informação pura, o meio é mensagem.

Nesse sentido, compartilho afirmativamente desses conceitos, mas tem o terceiro conceito que me vem a cabeça, que me causa, não uma discordância, mas uma preocupação, o conceito de aldeia global.

Não que duvide dos processos de troca de informações globais que os meios de comunicação promovem, principalmente, e, a partir de agora, dando ênfase no meios digitais. Não que duvide que estes processos vão promover uma aproximação cada vez maior das diferentes culturas, e um enfraquecimento da ideia de nação, e de fronteiras, sejam físicas ou culturais. Não que duvide que o homem caminhe para uma troca de informações cada vez mais global, por fim, não duvido que o processo de relações humanas se aproximam cada vez mais da ideia de Mcluhan (1996) de uma aldeia global. Porém, o que me incomoda dessa ideia, é o que se percebe em relação a história dessas transformações. É isso o que me incomoda.

Por que desse incômodo?

O incômodo vem da questão, principalmente, da extensão, pois se os meios de comunicação são extensões do humano, os sentidos desse humano deveriam se estender, e, com isso, a consciência do mundo também. Por conseguinte, imagino eu, talvez de maneira inocente, que o humano contemporâneo, deveria ver mais, escutar mais, que seus antecessores, por isso, deveria ter uma consciência mais ampla do mundo. Contudo, me parece que, apesar das extensões, o humano parece querer, ou talvez, esteja se tornando mais cego, surdo, ou seja, esteja percebendo menos o mundo, e, principalmente o outro. Esse processo de neutralização das alteridades vem sendo, inclusive, criticado por Byung Chul-Han (2015), como um fenômeno onde o humano contemporâneo tem valorizado por excesso alguns conteúdos que considera positivos, sem, com isso, de maneira dialética, dar o mesmo tratamento para o que ele considera negativo. Ou seja, se levarmos em consideração a visão da Escola de Frankfurt, principalmente nas figuras de Adorno e Horkheimer (2000), esse processo de valorização e transmissão de conteúdos, restritos à vontade dos emissores, de acordo com o interesse político dos mesmo, caracteriza-se por uma estratégia de alienação, muito utilizada por regimes políticos totalitários, através dos meios de comunicação de massa.

Quanto a essa análise da questão dos meios de comunicação e a alienação pretende-se deixar como hipótese, que o uso dos meios de comunicação, principalmente os meios digitais, praticamente negando o fenômeno da extensão prevista por McLuhan (2006), esteja produzindo um efeito contrário, uma alienação no humano contemporâneo. Fazendo com que ele acabe por buscar, não mais o esclarecimento através da comparação crítica das ideias e suas contradições, mas a alienação por meio do senso comum, por uma doxa poderosa que está sendo transmitida pelos meios digitais,

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v5n4p481>

principalmente, as redes sociais (DUGNANI, 2016). E nesse caso, entendendo-se doxa, concordando com Roland Barthes (2003), como o senso comum, o qual:

[...] difunde e gruda; é uma dominância legal, natural; é uma geléia geral, espalhada com as bênçãos do Poder; é um Discurso universal, um modo de jactância que já está de tocaia no simples fato de se tecer um discurso (sobre qualquer coisa). (BARTHES, 2003, p. 58)

Ou seja, com a ampliação da capacidade de transmissão de informações, promovida pelos meios digitais, que o emissor comum, para além das grandes emissores dos meios de comunicação de massa, conquistou, parece que tem produzido, principalmente através das redes sociais, não um efeito tão eficiente de esclarecimento, mas um efeito alienante, que acredita-se ocorrer exatamente pelo deslumbramento que o emissor comum tem em relação ao seu novo poder. O poder de transmitir a sua opinião em segundos, e com um baixo custo, disponibilizando-a para uma quantidade imensa de pessoas com um alcance global. Essa simplificação e ampliação do alcance das informações, que produz uma extensão na percepção humana, parece, por causa da quantidade de informações para administrar, e pela vontade que os integrantes da rede digital tem em participar, produzido um efeito inverso: da alienação.

A partir dessa reflexão, levanta-se como hipótese, o fato do humano contemporâneo, sujeito pós-moderno, num processo acelerado de neutralização do outro, das alteridades (HAN, 2015), de individualismo crescente como observa Zygmunt Bauman (1998), ao utilizar os meios de comunicação digitais, principalmente através de redes sociais, está deslumbrado com a possibilidade de dar sua opinião, sem um processo crítico, criando uma doxa, um senso comum poderoso, como afirma Barthes (2003), que já tem a pretensão de rever suas ideias, desprezando as contradições.

Dialeticamente falando, o sujeito da Pós-modernidade e sua doxa construída através de opiniões disseminadas principalmente nas redes sociais, elegem sua tese, mas se limitando a opiniões de senso comum, sem levar em consideração a existência de antíteses, necessárias para atingir uma síntese histórica e possível. Esse processo acaba por criar um mundo paralelo, embora cotidiano e material, virtualizado na percepção dos seres humanos.

Então o trecho da música, de Marcelo Fromer, do conjunto Titãs, que citei na epígrafe do artigo, parece ser mais do que apenas simples versos, parece se apresentar quase como uma premonição, ou, no mínimo, uma boa análise da situação cotidiana da falta de consciência que o excesso de informação estaria causando nos receptores contemporâneos da pós-modernidade. Receptores que parecem estar mais interessados na emissão de suas opiniões, do que na recepção, na transmissão e compartilhamento de senso comum, sem nenhum suporte mais reflexivo, ou científico, construindo uma doxa que nubla a visão, não esclarecendo, ou estendendo a consciência, mas nublando a visão.

Dos meios de comunicação de massa para os digitais e da extensão para alienação

Henry Jenkins (2015), em sua análise do processo de convergência na sociedade contemporânea afirmava que uma das diferenças entre o sujeito dos meios de comunicação digitais, e o sujeito dos meios de comunicação anteriores, que nesse artigo destacaremos os meios de comunicação de massa, era a questão da interação. Sendo que o primeiro tinha um potencial muito maior para produzir a interação, que o segundo. Inclusive para Jenkins (2015) a sociedade da convergência, termo que usa para identificar a sociedade contemporânea, já está passando da fase da interação para a participação.

Essa participação que, em primeiro momento, foi vista como uma qualidade, pode ser questionada hoje. Mas antes da questão, é importante entender o porquê que o potencial de promover participação, dos meios digitais e da internet, é uma qualidade.

Diferenciando os meios de comunicação de massa, dos meios digitais, o primeiro acaba por formar um receptor mais passivo, enquanto o segundo, forma um receptor mais ativo, segundo Jenkins (2015). Os meios de comunicação de massa, como o nome já identifica, são feitos para se comunicar com a massa. Mas quem é a massa? A massa não é o indivíduo, mas um modelo, uma classificação que se constitui à partir da estatística, das pesquisas. Sendo assim a massa representa um interesse médio e comum de diversos indivíduos. Sendo assim, as mensagens para funcionarem eficientemente nos meios de comunicação de massa precisam dialogar com esses aspectos mais comuns, ou seja, com a doxa, o senso comum de uma quantidade imensa da população. Sendo assim, conforme identifica Adorno e Horkheimer (2000), os meios de comunicação em massa precisam produzir de maneira industrial os conteúdos, uniformizando e padronizando, tanto os conteúdos, como o gosto dos receptores. Essa produção massificada de informações, e a alteração padronizada dos gostos e dos comportamentos dos receptores dos meios de comunicação de massa ficou conhecida como Indústria Cultural. Esse processo funciona eficientemente com os meios de comunicação de massa, justamente porque o receptor é mais passivo. E por que esse receptor é mais passivo? Porque ele recebe as informações apenas das grandes emissoras, e tem um espaço muito pequeno de interação, ou participação disponibilizados. Esse fenômeno ocorre pois, embora a recepção seja democrática, a emissão não é. Nos meios de comunicação de massa a recepção é mais democrática que a emissão, pois o conteúdo produzido, as informações são disponibilizadas pelas

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v5n4p481>

grandes emissoras, com um baixo custo para os receptores, por exemplo, o preço de uma televisão e uma antena. Com esse investimento, todo o conteúdo da televisão está disponível a qualquer pessoa. Essa é a parte democrática dos meios de comunicação de massa. O que não é nada democrático é a emissão, pois a produção e transmissão de mensagens só é acessível nesses meios para grandes anunciantes, grandes produtores, ou instituições políticas que financiam esse processo. Ou seja, o espaço de emissão nos meios de comunicação de massa é restrito. Por isso, o que resta ao receptor senão sentar no sofá e receber a mensagem, reclamar para quem está perto e mudar de canal. Logo, um dos maiores poderes dos receptores dos meios de comunicação de massa é o controle remoto. Por isso eles são mais passivos.

No caso dos meios de comunicação digital, o receptor é mais ativo, o que possibilita a maior interação e participação dele tanto na recepção, como na emissão. Afinal, com um baixo investimento, um smartphone e uma banda larga de wi-fi qualquer indivíduo pode participar, com alto potencial de transmissão do processo de comunicação. Emissor e receptor equilibraram seu potencial, e essa é a principal qualidade dos meios de comunicação digitais: a possibilidade de interagir, de se movimentar, de participar. Não sei se fica claro esse potencial, mas você, com seu smartphone na mão se constitui como uma poderosa convergência dos meios, pois você tem um rádio, uma televisão, e um transmissor de imagens e sons poderoso. Com esse aparelho você tem gravador, máquina fotográfica, espelho, calculadora, televisão, rádio, telégrafo, agência de correspondência. Entre outros tantos meios você, até mesmo tem, de maneira irônica, um telefone, função original do aparelho. Por isso o utilizador dos meios digitais vem se constituindo como um sujeito mais ativo e participativo dos processos de comunicação, essa é uma das qualidades mais destacáveis dos meios digitais, mas pode ser motivo de sua falência.

Digo isso pois, o sujeito que está migrando da passividade dos meios de comunicação de massa, principalmente para participar da emissão, parece estar deslumbrado com seu novo poder, o de emitir. Ou seja, participar efetivamente da emissão. Habilidade cada vez mais incentivada pela sociedade, e pela publicidade, que encontra nesse sujeito, uma nova espécie de mídia, tão eficiente quanto as anteriores, mas muito mais barata.

Esse panorama que incentiva a emissão, pode estar causando a cegueira e a surdez, e mesmo a alienação, da sociedade contemporânea. O fenômeno pode estar ocorrendo por duas questões: 1) o excesso de informação que produz invisibilidade, 2) a inversão do maior interesse do fluxo da comunicação da recepção para a emissão.

A primeira questão pode ser observada pela visão de Norval Baitello (2014) que identifica, principalmente no campo da comunicação através das imagens uma crise de visibilidade, onde o excesso de produção de imagens estaria produzindo uma desvalorização, e um enfraquecimento do poder de atingir o receptor. Essa equação pode ser generalizada para qualquer processo de comunicação, pois com a proliferação dos emissores, produzido pelos meios de comunicação digitais, a uma exacerbação de mensagens, o que produz, assim como Baitello (2014) destacou com as imagens, uma invisibilidade, uma ineficiência na capacidade dos conteúdos produzirem seu efeito, gerando desinformação e confusão, principalmente quanto à legitimidade das informações. Isso pode ser observado pela preocupação dos meios de comunicação por causa da proliferação das chamadas *Fakenews*.

A segunda questão parece surgir no deslumbramento do antigo receptor dos meios de comunicação de massa, perante a possibilidade cativante de produzir e transmitir informação, ao invés de apenas recebe-la passivamente. Toda a sociedade contemporânea da Pós-modernidade parece estar cativada

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v5n4p481>

pelo potencial que os meios de comunicação digitais tem em permitir, de maneira democrática, a participação cada vez maior dos indivíduos num processo de comunicação, a muito dominado pelas grandes emissoras e patrocinadores. Contudo parece que essa inversão do fluxo da comunicação tem gerado alguns problemas quanto a recepção. Pois se antes o fluxo maior de produção de informação, principalmente nos meios de comunicação em massa vinham de poucos emissores, para milhares de receptores, o equilíbrio desse processo, que é bom, exigirá uma nova postura de participantes do processo de comunicação: uma atitude de respeito quanto à opinião do outro, uma atitude de responsabilidade em verificar a legitimidade da informação, e um esforço em buscar dados e conteúdos que contribuam para que os debates, ao invés de descambarem para o discurso de senso comum, ou para a violência, possam ser instrutivos, e possam contribuir para analisar criticamente as questões, buscando chegar a uma síntese possível e histórica, que possa reunir as opiniões contraditórias em torno da busca de compreensão de todos os discursos da sociedade, mesmo os que você discorde.

Esse é o grande desafio que os usuários dos meios de comunicação, principalmente na internet e nas redes sociais deverão combater, o de reensinar o indivíduo a receber as informações, analisar e debater com dados e legitimidade, ao invés de expor o senso comum de maneira violenta. Parece que, com o encantamento da possibilidade de participar do processo de comunicação, estamos valorizando demais a emissão, e esquecendo, que para uma comunicação adequada e funcional, são necessários diversos elementos funcionando de maneira coordenada, dentre eles um emissor eficiente, mas também, um receptor eficiente.

A alienação, agora, parece não vir mais apenas da impossibilidade em acessar determinados conteúdos, que outrora não interessavam

economicamente e politicamente as grandes instituições e grandes emissoras; mas parece vir da dificuldade em recebermos as informações, pois estamos focados demais em querer encontrar um espaço na mídia, para expormos, para emitirmos, nossas opiniões, mesmo que elas estejam despojadas de conteúdos, de dados, e de argumentação. Afinal de contas sempre é possível substituir o debate pela violência, o que na Pós-modernidade pode dar a visibilidade, pois as polêmicas vazias, e a doxa, ganham cada vez mais espaço no interesse dos indivíduos em nosso tempo.

Para fecharmos o debate desse artigo, veja um exemplo desse fenômeno onde a doxa dos discursos superficiais das redes sociais e a violência, substituem o debate racional e profundo, produzindo assim um espetáculo que cria uma alienação dos participantes do processo de comunicação, funcionando como os gladiadores, no Império Romano, o futebol na contemporaneidade, que distraiam a atenção da população, criando a política conhecida como *panis et circenses*, ou do pão e circo.

Plutão Comentado

Para exemplificar o uso do senso comum e a constituição de uma doxa poderosa que se fortalece através do uso dos meios digitais, principalmente nas redes sociais, vamos destacar uma notícia apresentado no site jornalístico G1, no dia 13 de julho de 2015, principalmente os comentários realizados. Devido a necessidade de síntese desse artigo, foi feita uma seleção de comentários apenas para demonstrar como os comentários fogem do assunto principal e acabam trilhando o caminho da constituição da doxa, do senso comum, ou acabam caminhando para a simples violência, através de repostas que visam apenas ofender, e não buscar o esclarecimento através de um debate.

A manchete anunciava a seguinte chamada:

Sonda New Horizons, da Nasa, capta nova imagem aproximada de Plutão.

Depois argumentava:

“A sonda New Horizons, da agência espacial americana (NASA), capturou uma nova imagem de Plutão, o planeta anão, feita a 1,6 milhão de quilômetros de distância. A foto foi divulgada neste domingo (12) e mostra um novo ponto de vista do planeta. De acordo com a agência, na foto é possível enxergar uma cratera, além de possíveis penhascos.

O equipamento continua sua viagem a 49,6 mil km/h rumo à órbita de Plutão. A grande expectativa é que a New Horizons chegue “bem perto” do corpo celeste nesta terça-feira (14), por volta das 8h49 (hora de Brasília). Ele ficará a 12.500 km de Plutão. Sete instrumentos que estão a bordo da sonda vão captar essas imagens, que serão transmitidas para a Terra. A New Horizons fará um voo automático de reconhecimento, coletando o máximo de imagens e dados ao passar pelo planeta de 2.300 km de diâmetro e suas cinco luas conhecidas: Caronte, Styx, Nix, Kerberos e Hydra. O tempo de transmissão dos dados lá de Plutão até a Nasa, nos Estados Unidos, é de quatro horas e meia. Os cientistas querem mapear a composição e a temperatura da superfície do planeta e de sua maior lua, Caronte. A sonda foi lançada em 2006 carregando as cinzas do cientista Clyde Tombaugh, que descobriu Plutão em 1930, além de outros itens, como duas bandeiras americanas.”

Ou seja, trata-se de uma informação bastante sucinta e técnica sobre a aproximação da sonda ao ex-planeta, Plutão. O texto procura destacar a distância da sonda até Plutão que é de 12.500 km, a velocidade de 49,6 mil Km/h, e o tempo que demora a chegada da transmissão da informação do satélite até a terra, Estados Unidos, é de quatro horas e meia, e não busca desenvolver debates mais

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v5n4p481>

profundos sobre a relevância do fato. Porém uma parte dos comentários, claro que não são todos, acabaram partindo para análises sem fundo científico, ou crítico, ficando em torno de um senso comum, ou buscando agredir outros internautas.

Esse tipo de ação, quando se observa as redes sociais, os compartilhamentos, infelizmente é mais comum do que se esperaria, diria que é uma dinâmica cotidiana e diária, constante, e que se torna um modelo de relação social, que é seguido e imitado por inúmeros internautas. Provavelmente essa ação é até usada de maneira estratégica, para aumentar as curtidas e os *likes*, moedas que indicam o valor das opiniões nas redes sociais. Infelizmente senso comum, violência, e polêmica parecem ser os assuntos compartilhados que ainda dão mais visibilidade.

Veja os comentários a seguir, mas é importante avisar que os nomes foram retirados da apresentação e substituídos por "internautas".

Internauta 4

HÁ 3 ANOS

Enquanto milhões são gastos com estas pesquisas, a miséria continua crescendo no planeta.

87499

VER MAIS 18 COMENTÁRIOS

Internauta 5

HÁ 3 ANOS

e oq vc faz pra combater a fome? acredito que nada além de reclamar disso na net..

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v5n4p481>

Veja acima como a crítica do Internauta 4 é respondida pelo Internauta 5, com um tom agressivo e de cobrança. A questão não poderia ser debatida, para buscar uma síntese que viesse auxiliar a questão da ciência, com a questão política da fome. O comentário do Internauta 4 não é desprezível, talvez esteja destoando do tema da notícia, mas não pretende ofender ninguém, diferente do Internauta 5, que apenas apresentou sua opinião, com o intuito de colocar o anterior em uma situação delicada. A maior questão é, no que esse debate enriqueceu a notícia sobre a sonda de Plutão, ou o combate à fome?

Internauta 10

HÁ 3 ANOS

Não acham que se hovesse vida lá a Dilma já não teria se mandado?

Internauta 11

há 21 horas, respondido há 12 horas

Pq nao colocaram o Lula mais a Dilma nesta sonda.

Internauta 12

HÁ 3 ANOS

Uma notícia tão linda dessas, aí você vai nos comentários e perde o ânimo com tanta rudez...

Finalmente, os últimos comentários selecionados trazem um reflexo do discurso político da época, que se apresentou extremamente polarizado entre a esquerda e direita, além de se transformar em um dos temas mais debatidos de maneira rasa e sem uma argumentação sensata galgada em dados nas redes sociais. Nesse período, que se estende até o momento atual, 2018 esse debate

parece estar mais apoiado em um senso comum, emocional e, diversas vezes agressivo.

Considerações Finais

Compartilho a visão do internauta 12, que demonstra o aspecto desanimador dos debates realizados na internet, nos meios de comunicação digitais, e, principalmente nas redes sociais. Esse poderoso espaço de comunicação, que tem a capacidade de estender a percepção humana para além dos limites biológicos e espaciais do ser, possibilitando que o humano possa acessar tanto conhecimento, ao mesmo tempo transmitir informações, é uma pena que esteja sendo usado de maneira frívola e irresponsável, pois quando não está servindo grande parte do tempo para alimentar uma doxa que se aproveita dos vazios e da ignorância para dominar os discursos; parece estar servindo para agredir e ofender outros humanos, na busca em encerrar um debate, não pela força da argumentação, mas pela altura do grito, ou seja, pela violência dos discursos.

Ao que parece, a doxa, ou a violência, ambas dividem, pelo menos, o mesmo status: a de criar espaços onde as discussões não são resolvidas, a de gerar um movimento para calar as argumentações que contradizem o senso comum. Ou seja, ambas atuam a serviço de um processo alienatório, que a internet, as redes sociais e os meios de comunicação digitais são catalizadores. O que se torna necessário é observar esses fenômenos, criticar seus processos de alienação e esperar que o humano contemporâneo possa desenvolver seu senso crítico, que é a única arma contra essa invasão de senso comum que povoa os meios de comunicação na Pós-modernidade.

Referências

ADORNO, T. e HORKHEIMER, M. **Indústria Cultural: O Iluminismo como mistificação das Massas.** (in) LIMA, L. C. Teorias da Cultura de Massa. São Paulo: Paz & Terra, 2000.

BAITELLO, N. **A Era da Iconofagia.** São Paulo: Hacker, 2014.

BARTHES, Roland. **Roland Barthes por Roland Barthes.** São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

BAUMAN, L. **O Mal-Estar da Pós-Modernidade.** Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1998.
COELHO, J.T. **Semiótica, Informação, Comunicação.** São Paulo: Perspectiva, 2003.

DUGNANI, P. Medo, política e mídia: o discurso do medo em duas eleições presidenciais. **Revista Observatório**, v. 2, n. 1, p. 299-317, 1 maio 2016.
DOI: <https://doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2016v2n1p299>.

G1. **Sonda New Horizons, da Nasa, capta nova imagem aproximada de Plutão.**
<http://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2015/07/sonda-new-horizons-da-nasa-capta-nova-imagem-aproximada-de-plutao.html>. Acessado em 18/07/2018.

HALL, S. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade.** Rio de Janeiro, DP&A, 2004.

HAN, B. **Sociedade do Cansaço.** Petrópolis: Vozes, 2015.

JENKINS, H. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2015.

MCLUHAN, Marshall. **Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem**. São Paulo: Cultrix, 1974.

WILSON, Robert Anton. **A Nova Inquisição**: Racionalismo Irracional e a Fortaleza da Ciência. São Paulo: Madras, 2004.